



Do Pagamento em Psicanálise¹

Elza Macedo

A Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano, dirigida por Jorge Forbes, envolve uma parceria entre o Centro de Estudos do Genoma Humano USP, o Projeto Análise e o Instituto da Psicanálise Lacaniana. Um encontro inédito da genética com a psicanálise ou uma experiência inusitada. Oferece atendimento psicanalítico com base na clínica do real a portadores de doenças genéticas neuromusculares, a seus familiares e a outras pessoas que se referem ao Centro do Genoma Humano. Uma questão que tem aflorado nas discussões clínicas é sobre o pagamento das sessões. No Centro do Genoma Humano há exames que são pagos e outros que são gratuitos. É um centro de exames e de pesquisas, ligado ao Estado. Esta estrutura coloca com mais agudeza a necessidade de esclarecer qual é a importância do pagamento em psicanálise. *É possível a psicanálise gratuita?* Este texto tratará primeiro de questões teóricas e clínicas do pagamento, para em seguida, examiná-lo no contexto específico da Clínica de Psicanálise do Genoma.

Freud, no decorrer de sua obra, dá importância ao tema do dinheiro e do pagamento. Em 1917, ele coloca o dinheiro na série de equivalência simbólica - fezes, pênis, bebê e dinheiro - nos intercâmbios de uma pessoa com outra. “Nos produtos do inconsciente os conceitos de *fezes* (dinheiro, dádiva), *bebê* e *pênis* mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis.” (1976, p. 160)

¹ Este texto foi motivado pela questão colocada por Mayana Zatz, coordenadora do Centro do Genoma Humano: *Por que uma análise tem que ser paga, se aqui na Clínica de Psicanálise as análises não são pagas e são tão bem sucedidas?*

No caso do Homem dos Lobos, Freud (1918) comenta como estes elementos formam o conceito inconsciente de algo que se separa do corpo. Nossas esquisitices! Lacan diz, no Seminário 5 (1998), desses elementos como moeda na economia do desejo. Em 1913, Freud (1969) coloca o dinheiro como um dos pontos capitais a tratar no começo de uma análise. Diz que além do valor comumente dado, poderosos fatores sexuais estão envolvidos. Que o analista trata desta questão como daquelas relativas à vida sexual, com franqueza e sem hipocrisia. Freud recomenda que não sejam oferecidos tratamentos gratuitos, que a gratuidade aumenta as resistências do neurótico, nas moças a tentação própria da relação transferencial e nos moços a rebeldia contra o sentimento de gratidão.

A esse propósito, Freud relata o sonho de uma moça que conseguira continuar o tratamento apesar da opinião contrária de sua família e dos especialistas. *“Sonhou que seus familiares a haviam proibido de continuar a consultar-me. Lembrou-se então de uma promessa que eu lhe fizera de que, se necessário, eu continuaria o tratamento sem pagamento. A isso respondi: Não posso fazer nenhuma concessão em assuntos de dinheiro.”* Freud comenta que nunca lhe prometeu atendê-la gratuitamente, mas que o irmão da paciente pensava que ele o faria. Freud conclui que o objetivo deste sonho era dar razão a seu irmão. E mais, que essa mesma idéia, de não ter que pagar pelo que queria, dominou toda a vida da paciente e era o motivo de sua doença. (Freud, 1972, p. 168) Que desserviço Freud estaria prestando caso tivesse prometido atendê-la gratuitamente. Interessado em conhecer a posição de Lacan relativamente a este relato de Freud, Pierre Martin solicitou-lhe que lhe indicasse a palavra exata. Lacan lhe responde em carta de 18 de junho de 1974:

“Em questões de dinheiro não posso me permitir nenhuma consideração

= Em questões de dinheiro eu sou intratável. Dans les affaires d’argent, je suis intraitable.” (Martin, 1984, p. 197).

É assim que Lacan radicaliza a frase de Freud. Tal posição de Lacan é confirmada por Pierre Rey (1990), em seu livro *Uma temporada com Lacan*. Ele conta o quanto Lacan era radical na questão do pagamento. Quando Pierre Rey dizia – *Não tenho dinheiro* – a exaltação furiosa de Lacan era para ele um eletrochoque (p. 82).

Em uma análise, quando o paciente aborda a questão do dinheiro, o analista não deve ouvir isso como se fora uma relação comercial e sim, entendê-la como algo a ser tratado, semelhante a uma formação do inconsciente, como ato falho, esquecimento, sonho e sintoma. A colocação do pagamento coloca o inconsciente a trabalhar.

O gesto do pagamento instaura um corte: de um outro ao Outro, do imaginário ao simbólico. Numa análise, não se trata de um caixa comercial, do dia a dia, mas do balcão do Outro. Para Forbes², o que a pessoa quer comprar nesse balcão do Outro é um maior saber sobre si mesma. Ela vai para uma análise para se conhecer melhor. Supondo que o analista tenha este saber, ela paga um valor X que corresponde ao que ela quer receber quanto a seu conhecimento. Mas não é isso que vai ocorrer numa análise. Ela vai pagar um valor X e não vai receber isso. Não vai receber isso, não porque o analista não queira dar. Ela não vai receber isso porque esse nome não existe. Essa é uma temática que Lacan coloca no decorrer de sua obra e em seu último escrito, de 17 de maio de 1976, nota-se a sua desistência em encontrar qualquer tipo de verdade, fato que o leva a falar em verdade mentirosa. (Lacan, 2003) Então, a pessoa vai começar a descobrir que está pagando por uma coisa que não existe. Mas, o fato de não existir não quer dizer que seja sem importância. Ela quer encontrar um nome para si mesma e se não está recebendo o nome, entende que é porque ela está em dívida. Entra aí a questão da culpa, que se resolver a culpa, pagar a dívida, o Outro vai reconhecê-la. É o princípio da religião, resolver a culpa e ter a contemplação do Divino. Ela

² Comunicação pessoal em 4 de setembro de 2009.

tenta se aliviar de uma culpa, e a própria culpa é um elemento de expectativa de que se tem um nome. Por que culpa? “Se eu não tenho um nome, eu fiz alguma coisa para perdê-lo. Fui expulso do paraíso. Por isso eu tenho culpa.” Assim, se o analisante não pagar a análise, o analista o está deixando no registro eterno da culpa. É preciso pagar para saber que o pagamento não salda a dívida. Ao se dar conta que não pode pagar a dívida, a pessoa pode abandonar a análise ou então mudar de registro. Neste caso, saindo do registro da dívida para o registro da responsabilidade.

Para possibilitar esta passagem para o registro da responsabilidade, é importante que o analista considere que não se negocia uma análise, que se ela for barateada, a realidade pode se sobrepor ao real. A psicanálise não pode ser amaciada, amansada. O analista não poupa o analisante do encontro com o real. Não coloca emplastos no real. O valor cobrado numa análise é uma intervenção do analista, é o próprio manejo analítico, é o que possibilita que o símbolo alcance o real. Ou seja, o sujeito é chamado para além do valor simbólico do dinheiro, para um lugar inabitado. Chamado para outra cena. Mesmo que não haja pagamento, ele está lá. O analista é responsável pelo tratamento e é ele que decide pelo ato arriscado da incisão a ser feita. Não tem que ficar numa posição de generosidade, de fazer o bem, fazer a boa pessoa, pois essas são formas de engessar a clínica e do analista se acovardar perante o real da experiência. É fácil cair nos engodos *prêt-à-porter* do sofrimento, por parte do analisante, e da compaixão, por parte do analista. Lacan (1973/2003), em *Televisão diz “O analista, como o santo, não faz caridade... Faz descaridade. Vai permitir ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de seu desejo.”* (p. 518) Forbes (1999) considera esta a posição marcada do analista, de não fazer caridade, de não ser cúmplice nem solidário com a dor. Ao contrário, vai levar o sujeito do inconsciente a tomá-lo como causa de seu desejo.

Entendo que no fragmento que se segue, Lacan acentua a importância do pagamento para que haja análise: “Se o psicanalisante faz o psicanalista, ainda

assim não há nada acrescentado senão a fatura. Para que ela seja devida, é preciso que nos assegurem que há psicanalista.” (Lacan, 1969, p. 375) Forbes faz uma analogia com a arte. “Um quadro só passa a ser um quadro no momento em que alguém o compra. A arte só é válida quando é vendida. A arte só é válida quando outra pessoa pode encontrar satisfação naquele local onde aquele um se satisfaz particularmente.” (Forbes, 1991) Essa questão, Forbes a retoma no encerramento do *Sábado no IPLA*, em 19 de setembro de 2009, dizendo que “um artista que não vende nenhum quadro não é artista. O curioso é quando você faz algo que te ultrapassa, o outro vê nisso alguma coisa que o ultrapassa também, razão pela qual ele compra uma obra de arte.” Entendo nesta citação que a pessoa, ao ter tal quadro, se dá conta de que ela dá um valor específico a uma satisfação dela. Lacan trata dessa questão no Seminário da Ética.

Outro aspecto a ser considerado é que cada sessão é uma análise inteira e por isso, o pagamento se dá a cada sessão. Pagar a cada sessão faz com que o analisante se depare com o real. É um gesto que se repete. E, se a repetição está do lado do real, como afirma Lacan (1964, p. 123) em seu Seminário 11, o pagamento a cada sessão é a repetição de um encontro com o real. “Nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real.” (p. 55) O real não se ausenta. Ele está sempre lá. Ele é a falha da realidade. O analista também não se ausenta. A presença do analista põe em evidência o desejo e a singularidade da pessoa. Indica que o desejo pode ser sustentado e possibilita a invenção. (Forbes, 2005)

Uma análise que não inclua o pagamento deve ter uma duração delimitada previamente. Um tratamento gratuito e sem prazo está do lado da psicoterapia e pode mesmo trazer conseqüências desastrosas.

A Clínica Psicanalítica do Centro do Genoma Humano funciona desde agosto de 2006. Nela, foram acompanhados e registrados 50 casos em atendimento em um projeto de pesquisa clínica denominado *Desautorizando o sofrimento padronizado*.

A cada segunda-feira pela manhã, com a presença de Mayana Zatz, Jorge Forbes entrevista um paciente, em seguida há discussão do caso com a equipe clínica e encaminhamento para atendimento psicanalítico durante três meses com um membro da equipe, tendo sido estabelecido um objetivo delimitado para o tratamento. Após os três meses há uma entrevista de retorno com Forbes e Zatz em que é decidido sobre o caminho do tratamento. A partir de certo momento dos primeiros benefícios terapêuticos a pessoa começa a ter uma inversão de demanda. Temos notado que isso se dá por volta de seis meses após o início, quando começam a surgirem questões - de tempo, transporte, “não vai dar pra vir”, “tá difícil”, “a perua quebrou”, “vou parar e arrumar uma pessoa perto de casa”, etc. – questões que desresponsabilizam o sujeito e funcionam como muletas ou capas protetoras. O paciente age no sentido de ir contra o tratamento, seja desvalorizando e atacando-o, seja acomodando-se no sintoma. Ele faz inversões, tentando colocar a solicitação do lado do analista, invertendo as posições em jogo entre analista e analisante. Nossa hipótese é a de que, com o tempo, a gratuidade leva a uma falta de *rapport* com o inconsciente, não promove a subjetivação e coloca almofada no real, levando a tais reações que inviabilizam o tratamento. É a isso que levam a “generosidade”, o “fazer o bem”, por parte do analista. Então, que não se leve os atendimentos gratuitos por longo prazo, para que o paciente não ache que faz favor, perdendo a noção da sua demanda e da sua responsabilidade. O pagamento é fundamental para os que querem levar adiante a análise.

Vale lembrar que um “pagamento simbólico” pode ser mais nefasto que o gratuito, porque não tem valor de simbólico, não afeta e engana. Digo mesmo, é da ordem do perverso. Um pagamento para ser, de fato, simbólico tem que afetar. E mais, numa análise, seu manejo desloca o gozo e traz o real.

“A resposta clássica freudiana: uma análise deve custar caro para aquele que a faz. Porque a pessoa não deve imaginar que o analista queira qualquer outra coisa

do analisando senão o pagamento. Tira a expectativa do Outro. O pagamento tira a complementação do Outro. É necessário um valor de troca absoluto que possa sustentar uma multiplicidade interpretativa, para manter o pacto em aberto – o *impacto*.” (Forbes, 1991, p. 71-72).

Considerações finais

Que o dinheiro esteja lá ou não, o lugar é dele. Lugar no real.

Que não se poupa o analisante da questão do dinheiro.

Que quando se negocia com a psicanálise, está-se recuando frente ao real. A psicanálise amansada é da ordem da terapêutica. Por isso, a psicanálise é sem concessão. Apela-se ao sujeito responsável, responsável por seu sofrimento, ético.

Que trabalhamos com uma clínica, não do pacto, mas do *impacto*. (Forbes, 1991)

Que se oferecemos um tratamento gratuito, tenha-se claro o motivo e que seja com uma faixa de tempo pré-determinada para terminar.

Quando a demanda está do lado do analista o paciente falta.

Que uma análise leva do nome à responsabilidade.

Bibliografia

Forbes, J. *Conferência de encerramento do Sábados no IPLA*
“Começar, realizar e encerrar uma análise, 19 de setembro de 2009.

Forbes, J. *Comunicação pessoal*, 5 de setembro de 2009.

Forbes, J. *A presença do analista*, 2005.

<http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=22&i=57>

Forbes, J. *Da palavra ao gesto do analista*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Forbes, J. “O que é a psicanálise? *Psyché – Quatro abordagens em psicoterapia*. São Paulo: Oboré Editorial, 1991.

Freud, S. *História de uma neurose infantil* (1918), Edição Standard das Obras Completas, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* (1917), Edição Standard das Obras Completas, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. *Sobre o início do tratamento* (1913), Edição Standard das Obras Completas, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Freud, S. *A interpretação de sonhos* (1900), Edição Standard das Obras Completas, Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” (1976), *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 567-569.

Lacan, J. “Televisão” (1973), *Outros escritos*, 2003, p. 508-543.

Lacan, J. “O ato analítico”(1969), *Outros Escritos*, 2003, p. 371-379.

Lacan, J. *Les formations de l'inconscient – Le séminaire Livre 5* (1957-58), Paris: Seuil, 1998.

Lacan, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise – O Seminário Livro 11* (1964), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Martin, P. *Argent et psychanalyse*, Paris: Navarin Editeur, 1984.

Rey, P. *Uma temporada com Lacan*, Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

São Paulo, 23 de outubro de 2009.